

MACHADO DE ASSIS – O MEMORIALISTA

Pedro Paulo Montenegro

Os estudiosos de Teoria da Literatura apontam Memórias e Diários como gêneros mistos, podendo ser de valor mais literário ou histórico, de conformidade com a ênfase dada pelo autor a um dos dois aspectos. Memórias e diários, bem como autobiografia e cartas são formas de auto-revelação. O interesse predominante é o do relato de quem os redige, ou as informações e interpretações dos acontecimentos ou pessoas através da perspectiva do autor.

As memórias põem maior relevo sobre pessoas e coisas contemporâneas do autor e os acontecimentos que testemunhou. Muitos se limitam à narrativa de fatos que estavam dentro do raio de observação do memorialista. O autor conta o que viu e viveu, intercalando amiúde os seus comentários, irônicos, críticos, mordazes, assim prejudicando a objetividade do relato e encaminhando-o para o romance.

É bem o caso de Machado de Assis em *Memorial de Aires*.

O conselheiro Aires, a quem Machado de Assis atribui a autoria do *Memorial* é aquele mesmo diplomata que aparece em *Esaú e Jacó*, com seu sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar da ocasião e a expressão adequada, trazendo uma flor eterna na botoceira.

O *Memorial* é escrito em forma de diário, e neste vai o conselheiro registrando o que lhe passa diante dos olhos. Nem tudo o que vêem seus olhos, e que ele cuidadosamente inscreve no seu caderno, merece tal apreço, mas o que ali está esculpido com uma arte inexecedível é justamente o perfil de Carolina, dissimulado na esposa de Aguiar.

Aguiar e dona Carmo não têm filhos. Dá-lhes o destino um afilhado, que lhes traz o consolo e a ilusão de filho.

Quando Carmo estava com vinte e tantos anos, uma amiga sua teve um filho e essa criança, que se chamou Tristão, passou uns tempos com o casal. Esses tornaram-se padrinhos do menino e começaram a estimá-lo como um filho.

Depois de crescido, o menino mudou-se para Portugal e esqueceu os padrinhos, que sofreram como se tivessem perdido um filho verdadeiro. O afeto destes pobres pais postiços, sem esquecer o filho adotivo que partira, volta-se para Fidélia, viúva de Noronha, que acabava de chegar da Europa com o corpo do marido, para enterrar no Rio de Janeiro. Fidélia enche o coração de Carmo, mas no seu íntimo permanece a lembrança do ausente. Regressando Tristão ao Brasil, amam-se as duas criaturas, adotadas pelo afeto do casal Aguiar. É a suprema alegria para eles o enlace matrimonial de Fidélia e Tristão. Mas dura pouco. Uma viagem de núpcias, e, mais tarde, a mudança para a Europa, separam dos velhos os dois filhos de adoção.

É este o livro, na sua simplicidade tocante, mas revelador da imensa dor de Carmo e Aguiar já idosos e tragados pela melancolia da velhice solitária. Retrato confessional de Machado de Assis.

O interesse de Memorial de Aires, enquanto literatura problematizante, consiste na sondagem da velhice como ponto de convergência das frustrações humanas. O sarcasmo das Memórias Póstumas de Brás Cubas transforma-se, neste romance, em resignação filosófica. Lá um morto olha para a vida; aqui, um vivo olha para a morte.

Machado de Assis na época em que escreve este livro está com pouco mais de sessenta anos e viúvo; apenas procura, entre os vivos, alguma solidariedade e afeto com que passar os últimos anos de vida. Aceita o fim com tanta placidez que faz pensar numa espécie de instinto de aceitação da morte. Mas, apesar disso, fica a impressão de que tudo não passa de uma grande derrota. Para compensar o velho Aires procura demonstrar uma clara compreensão do que é a vida e que ela, se lhe dá o gosto de vencer, não possui mais sobre ele o dom de surpreender. Essa sabedoria empresta-lhe um ar de aristocrata derrotado, cuja altivez, racionalidade em última análise, consegue apenas avultar o mistério da viagem iminente.

Esse romance compõe-se da matéria de dois anos (1888-1889) do diário do conselheiro Aires.

O livro é a estória do casal através da percepção do personagem Aires, que participava secundariamente da ação. Trata-se de um romance-ensaio, de natureza intelectual, baseado nas impressões da personagem-narradora. Explora o tempo objetivo e exterior das personagens centrais e a duração interior do personagem-narrador.

A frase nunca foi tão breve e despida de retórica. Apesar dessa simplicidade extrema, o livro apresenta uma formidável inovação quanto ao foco narrativo. Ao lado de tais elementos formais, a constante da problematização da existência, no caso a solidão da velhice, é um outro aspecto importante para a idéia do romance-ensaio em *Memorial de Aires*.

É clara a projeção de Machado de Assis no personagem Aires: trata-se de um auto-retrato muito estilizado, porém bastante fiel. Igualmente a Machado, Aires tem tédio à controvérsia, embora possua opiniões firmes sobre as coisas. Apesar de afetuoso, não se permite efusões emotivas. Ama observar, comentar e comparar gestos e situações alheias.

No *Memorial*, Aires escreve no seu diário no dia 30 de setembro de 1888: "Eu tenho a mulher embaixo do chão de Viena e nenhum dos meus filhos saiu do berço o Nada. Estou só, totalmente só. Os rumores de fora, carros, bestas, gentes, campainhas e assobios, nada disto vive em mim. Quando muito o meu relógio de parede, batendo as horas, parece falar alguma coisa – mas fala tarde, pouco e fúnebre. Eu mesmo relendo estas últimas linhas, pareço-me a um cozeiro."

Essa era, de fato, a situação de Machado de Assis nos anos posteriores à morte de Carolina, como se depreende de sua correspondência e dos depoimentos de amigos, registrados pelos biógrafos.

Aires registra em outra ocasião de seu diário, falando de si e da esposa: "Há neles alguma coisa superior à oportunidade e diversa da alegria alheia. Senti que os anos tinham ali reforçado e apurado a natureza, e que as duas pessoas eram, ao cabo, uma só e única".

Carmo, como Machado revelou a Mário de Alencar, é uma transposição de sua esposa Carolina. Ela apareceu no livro como uma mulher bondosa e compreensiva, dominada por um grande amor ao velho companheiro de sua vida. Machado indica nela a essência de uma relação saudável entre o homem e as coisas: "Para a boa Carmo, bordar, coser, trabalhar, enfim, é um modo de amar que ela tem. Tece com o coração".

"Memorial de Aires, conclui Ivan Teixeira, é uma delicada elegia conjugal. Um livro sensível, que beira o sentimentalismo romântico, mas que nele não cai por força de seu equilíbrio e timbre universalizante."

O *Memorial* é melancólico, mas é um depoimento em favor da vida. A presença ausente de Carolina continua a criar nele uma expectativa que transparece na sua correspondência e que o conselheiro Aires reproduz, referindo-se à esposa morta: “Quando eu morrer, irei para onde ela estiver, no outro mundo e ela virá ao meu encontro”.

Numa carta a Mário de Alencar, datada de primeiro de agosto de 1908, dizia-lhe Machado de Assis que era *Memorial de Aires*, definitivamente o seu último livro.

Foi com efeito a derradeira obra prima que lhe saiu das mãos já trêmulas. Encerrou a sua produção literária com um livro primoroso, em que deixou retratada a companheira de tantos anos e onde sua alma desabrochou desfeita em ternura e piedade. Trabalhou assim até os últimos momentos de sua existência, depondo a pena para morrer.

Na manhã de vinte e nove de setembro de 1908 acabou aquele martírio.

Poucas horas antes de expirar, disse a José Veríssimo, que o visitava: “A vida é boa”. Machado de Assis, no seu transe de morte, cuidava que no sofrimento se resume toda a beleza da vida.

Na hora suprema, perguntou-lhe Guiomar, sua doméstica, cuja “alegre risada cristalina”, ele tinha cantado, se queria que viesse um padre. – Não quero, murmurou ele. Não creio. Seria uma hipocrisia! E na sua face de mármore deslizaram as duas últimas lágrimas. Daí a nada estava morto.

Eugênio Gomes, em *Espelho contra espelho*, escreve: “Cada um dos principais romances de Machado de Assis apresenta a unidade de uma idéia-chave à base de um tema: o do destino, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o da luta da vida, em *Quincas Borba*, o da dissimulação em *Dom Casmurro*, e o da dúvida psicológica, em *Esau e Jacó*.”

E indaga: “E o Memorial de Aires? Será o da conformidade diante do tempo? O certo é que, ao contrário do que ocorre nesses outros trabalhos, onde o travo do pessimismo reponta em cada página, o *Memorial* é um depoimento em favor da vida.”

Monteiro Lobato, pouco mais que um adolescente, escreveu a um amigo: “Li também o *Memorial de Aires* – o livro mais difícil de ser feito de quantos se fizeram no mundo. Do que nós chamamos *nada*, Machado de Assis tirou *tudo* – tirou uma obra-prima.”

E Mário de Alencar: “O livro já não tem enredo, é uma pura música interior fluindo velada de sua saudade e do seu espírito e deixando que a bondade e a simpatia humana se desenvolvam francamente. É uma harmonia nova para a expressão derradeira de sua saudade.”.

Memorial de Aires, Olavo Bilac, o chamará “flor de saudades e amargura”.

São todas análises e opiniões que constituem variações sincronizadas da mesma temática.

Machado de Assis e Cervantes, aliados involuntários, extraíram, dos devãos da dor e da memória, o poder da imaginação, da ambigüidade, da destemperança, da miséria, e desenham um quadro distorcido e dramático. Fizeram, com os respectivos gênios, a paródia dos sentimentos através das palavras.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

MACHADO de Assis. Obras Completas. José Aguilar, Editora. Rio de Janeiro, 1959.

MAGALHÃES Júnior, R. Machado de Assis Desconhecido. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1955.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis na Literatura Brasileira. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 1990.

PUJOL, Alfredo. Machado de Assis. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides. Jose Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1977.

VIANA Filho, Luís. A Vida de Machado de Assis. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1965.

BRAYNER, Sonia. Labirinto do Espaço Romanesco. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1979.

BOSI, Alfredo e outros. Machado de Assis. Editora Àtica. São Paulo, 1982.

TEIXEIRA, Ivan. Apresentação de Machado de Assis. Martins Fontes Editora. São Paulo, 1988.

COUTINHO, Afrânio. Crítica e Teoria Literária. Tempo Brasileiro/Edições UFC. Fortaleza, 1987.